

# HISTÓRIA DE <sup>107</sup> <sup>210</sup> JOÃO da CRUZ

814  
P-126

108

~~107~~

29

29



2179 214

MANOEL PEREIRA SOBRINHO



# HISTÓRIA DE JOÃO DA CRUZ

© Copyright 1957 — Editora Prelúdio Limitada  
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade  
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 10.969



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374  
SÃO PAULO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

**HISTÓRIA DE JOÃO DA CRUZ**

Baseada em um conto do livro  
"O Arco da Velha".



Grande Deus Senhor dos sêres  
Mandai-me a Divina Luz  
Para versar com clareza  
Uma história que seduz  
O verdadeiro romance  
Da vida de João da Cruz.

Nos domínios da Itália  
Na cidade de Milão  
Morava o Duque Roberto,  
Homem rico de milhão  
Com três filhas e um filho  
O qual chamava-se João.

As filhas uma era Rosa  
E a outra era Sofia  
A terceira Enedina  
Todas filhas de Maria  
E a duquesa mãe delas  
Chamava-se Rosalia.

Católica e caritativa  
Crente na religião  
De sempre ia à igreja  
Se ouvir de confissão  
Com o marido e as filhas  
Já por uma devoção.

Porem João como caçula  
Começou a estudar  
Tinha inteligência rara  
Coisa de admirar  
Mas odiava a igreja  
E nunca foi ao altar.

Já estava rapazinho  
Um dia a mãe lhe chamou  
Para ir se confessar  
Porem ele recusou  
De fazer o seu pedido  
Ela aí lhe explicou:

— Filho amado, a confissão  
Dá conforto aos errados  
O padre é a semelhança  
Dos sentimentos sagrados  
E com a ordem de Deus  
Perdoa os nossos pecados.

João lhe disse: Minha mãe  
Deixe-se desta ilusão  
O Padre é igual a mim  
Bebe, joga e come pão  
Da fórmula que ele perdoa  
Eu também dou o perdão.

— Aonde foi que a senhora  
Já viu rastro do pecado  
Que côr tem a nossa alma?  
Eu sou o seu filho amado  
Porem creio no que vejo  
O resto é pano molhado.

Sua mãe disse: Meu filho  
São tortos os planos teus  
Temos a alma e pecados  
Teus ideais são ateus  
Retira tais expressões  
E pede perdão a Deus.

Disse João: Ora que Deus!  
Deixemos desta loucura  
Esse Deus não vale nada  
Si existe é sem figura  
E' injusto e vingativo  
Como qualquer criatura.

— Meu filho lhe disse a mãe:  
Por Deus não me diga isto  
Que Deus é bondoso e justo  
Amavel calmo benquisto  
Prá nos remir e salvar  
Deu seu filho Jesus Cristo.

João para não teimar  
Dali se fez retirado  
Foi cuidar dos seus estudos  
Mas não saiu conformado  
Com o assunto da mãe  
Mas conservou-se calado.

E sempre todos os dias  
A mãe lhe aconselhava  
O pai também se batia  
Porem ele não ligava  
Não dava resposta má  
Porem não se conformava.

Um dia o duque o chamou  
Sentou-se à roda da mesa  
Deu uma cadeira à ele  
E convidou a duqueza  
Para fazer ele ver  
Que havia Deus com certeza.

O velho disse: Meu filho,  
Mude sua opinião  
Todo homem está sujeito  
À santa religião  
E você não a possui  
Me diga qual a razão?

João aí disse: Meu pai  
Religião é dinheiro  
Padre só casa e batiza  
Correndo a gaita primeiro  
Portanto eu não dou valor  
Ao Deus interesseiro.

A mãe lhe disse: Meu filho  
Si não quer religião  
Porem creia que há Deus  
Tão justo quanto a razão  
E tão limpo como a luz  
Senhor desta criação.

Disse João: Não posso crer  
Nesse Deus tão justo assim  
Senhor desta humanidade  
Com este poder sem fim  
E fez um preto e um branco  
Um bom e outro ruim.

— Que Pai tão errado é este  
Que a um não dá escola  
Ensina à outro demais  
E já outro pede esmola  
Quanto mais pobre é o homem  
Menos ele lhe consola.

— Sendo Ele um poderoso  
E Pai desta humanidade  
Deixa a pobre sem marido  
O filho na orfandade  
E o rico toda a vida  
Tem sua felicidade.

— O rico tem sua cama  
E confortavel colchão  
Boa casa pra morar  
Boa roupa água e pão  
O pobre não tem abrigo  
E por leito tem o chão.

— O rico durante a noite  
Vai fazer sua retreta  
Assistir seu bom cinema  
Com garota branca ou preta  
Enquanto o pobre mendigo  
Tem por abrigo a sarjeta.

— Que mal o pobre lhe fez  
Para ser tão despresado  
E que bem lhe fez o rico  
Que é tão agraciado?  
Com certeza o rico é filho  
E o pobre é enteado.

— Portanto querida mãe,  
Não posso me conformar  
Com esse seu Deus tão bom  
Peço prá me desculpar  
Crerei nele si um dia  
A mim se apresentar.

— Do contrário nada feito  
Lhe falo sinceramente  
Sou seu filho de verdade  
E lhe adoro ternamente  
Porem só creerei em Deus  
Se o ver pessoalmente.

Quando Dona Rosalia  
Ouviu João dizer assim  
Retirou-se em grande pranto  
Que quasi não tinha fim  
O duque tambem saiu  
Dizendo: Estamos ruim.

João tambem se retirou  
E saiu a passear  
À noite voltou à casa  
Então depois do jantar  
Retirou-se prá seu quarto  
E tratou de pernoitar.

Ao conciliar o sono  
Sonhou com um campo vasto  
Que não tinha um arvoreda  
Nem capim, erva nem pasto  
O trilho que ele seguia  
Abria galho nefasto.

Então na bifurcação  
Dos dois caminhos parava  
Sem saber o que seguir  
Naquilo se apresentava  
Uma mulher já idosa  
E ele a interrogava:

— Senhora, destes caminhos,  
Qual dos dois é acertado?  
A mulher lhe respondia  
— O da esquerda é errado  
Segue o trilho da direita  
Que terás bom resultado.

Ele pensava consigo:  
— A mulher está mentindo  
Ela não sabe onde eu vou  
Por certo está me iludindo  
Prá quando eu seguir errado  
Ela aqui ficar sorrindo.

Então pelo lado esquerdo  
João no trilho foi entrando  
A mulher parou um pouco  
E ficou observando  
Vendo ele entrar errado  
De pena ficou chorando.

Ele caminhava um pouco  
 Passava um despenhadeiro  
 Adiante via um prédio  
 Que exalava um mau cheiro  
 Preto da cor do carvão  
 Com enorme fumaceiro.

Era um prédio agigantado  
 Com uma grande muralha  
 Um forte portão de ferro  
 O trinco de azagalha  
 Passando chamas de fogo  
 Cortava como navalha.

Ele ficava pensando  
 Que não havia uma luz  
 Quando chegava ao portão  
 Um negro com arcabruz  
 Saudava ele dizendo:  
 Entre pra cá João da Cruz.

João a ele perguntava:  
 — És estranho ou tens renome  
 Estás de barriga cheia  
 Estás com sede ou com fome?  
 Quem és tú? Responde logo  
 Como sabes o meu nome?

— Eu sou o príncipe das trevas!  
 Lhe disse o desconhecido  
 — Sou rico e não passo fome  
 Por todos sou conhecido  
 Há muito tempo o conheço  
 Como a mulher ao marido.

— E para melhor provar  
 O que estou te explicando  
 Há pouco te retiraste  
 Tua mãe te aconselhando  
 Tú saíste a sorrir dela  
 E ela ficou chorando.

— Achei bôa a tua ação  
 Porque já sabes pensar  
 Não és louco sabes ler  
 Não tens a quem consultar  
 Conselho não vale nada  
 Só vem nos atrapalhar.

Por sonho João perguntava:  
 — Se acaso Deus existia  
 Se de fato era bondoso  
 Como sua mãe dizia  
 O estranho olhava ele  
 E depois lhe respondia:

— Deus existe meu amigo  
 Porém só gosta de embrulho  
 E' perverso e vingativo  
 Dá mais valor ao barulho  
 E não pode haver justiça  
 Aonde existe o orgulho.

— E não tens observado  
 As misérias deste mundo  
 Um cego e outro aleijado  
 Um rico outro vagabundo  
 Porque criou um tão limpo  
 E um outro tão imundo.

— Se Deus fosse bom de fato  
 Todos tinham uma igualdade  
 Não havia desmantelos  
 No seio da humanidade  
 Mas ele trata a um mal  
 Outro com tanta bondade.

E dizia à João da Cruz:  
 Vamos aqui por bondade  
 Venha olhar o meu jardim  
 Para veres a verdade  
 E saberes que em meu reino  
 Há uma só igualdade.

Nisto João da Cruz em sonho  
 Passava para o salão  
 O príncipe ia na frente  
 Fazendo uma explanação  
 Mostrando com bons detalhes  
 Toda aquela habitação.

Nos fundos do casarão  
 Grandes grunhidos se ouviam  
 Com rangidos e blasfêmias  
 Um chorava outro gemia  
 Todos pretinhos retintos  
 E numa só agonia.

Adiante na prisão  
João viu um velho se erguer  
Esconjurando do pai  
E da mãe que ao conceber  
Criou ele no seu ventre  
Até à hora de nascer.

João da Cruz disse ao estranho:  
— Quero sair deste antro  
O príncipe dizia: Espere  
Vou lhe mostrar um teatro  
Aqui já vieram uns três  
Com você completa quatro.

João viu uma grande jaula  
Com grande profundidade  
Dentro havia um esqueleto  
Que causava piedade  
Praguejando contra os pais  
O céu e a divindade.

Dava pulos se mordida  
Caía no chão rolava  
Batia pelas paredes  
Gemia depois babava  
Com os dois olhos de fogo  
E depois se ajoelhava.

Por fim João disse ao príncipe:  
— Eu quero me retirar  
O príncipe lhe deu as ordens  
Ele voltou a vagar  
Pelo caminho que entrou  
Em ponto de se assombrar.

E pensou consigo mesmo:  
— Que casa amaldiçoada  
Este príncipe é exquisito  
Que morada desgraçada  
Mais adiante avistou  
À direita outra morada.

Em torno havia um jardim  
Com os melhores arranjos  
Uma balança encostada  
Cercada por quatro anjos  
Primeiro havia um portão  
E no mesmo dois arcanjos.

Na frente daquela casa  
Havia um grande letreiro  
Gravado em rubi azul  
Pelo seguinte roteiro:  
— O escritório do filho  
Do nosso Deus verdadeiro.

Por sonho ele resolveu  
Chegar-se até a morada  
Saber que casa era aquela  
Apressou mais a passada  
Adiante viu a mulher  
Que a fez interrogada.

João se dirigiu a ela  
Com amavel cortezia  
E perguntou-lhe com calma  
Se acaso ela conhecia  
Aquela bela morada  
Que muito perto se via.

— Aquela casa, meu filho,  
E' o tesouro da Vida  
Ali não há sofrimentos  
E' por demais conhecida  
Nela se vive no Bem  
Sem o pão e sem bebida.

— O Dono daquela casa  
Possui a maior riqueza  
Ele abraça a classe rica  
Que não possui avareza  
Da mesma maneira justa  
Com que abraça a pobreza.

— Escravo ali não existe  
As fortunas são iguais  
Ninguém é senhor do outro  
Os filhos são como os pais  
E para o Dono dali  
Não têm valor cabedais.

E depois João avistou  
A luz que resplandecia  
E nisto chegava um pobre  
Um anjo o portão abria  
— Vinde ao meu reino meu filho  
Um Monarca assim dizia.

Ele via o pobre entrar  
E o Rei que estava dentro  
Em um coreto divino  
Botava o pobre no centro  
João no coração dizia:  
— Sou ateu ali não entro.

Ouvia o som de uma harpa  
Com a mais bela harmonia  
O toque era tão sublime  
Que o vento obedecia  
Era um panorama belo  
Que só reinava alegria.

Via passar uma dama  
Com um modo sacrossanto  
Os anjos se levantavam  
E seguravam seu manto  
Dizendo: Salve a esposa  
Do Divino Espirito Santo.

A mulher disse prá João:  
— Minha missão se cumpriu  
Mostrei-lhe o caminho certo  
No torto você seguiu  
Não póde mais se enganar  
Quem vê o que você viu.

João em sonho foi à porta  
E ninguém lhe empatou  
Pelejou para entrar  
Mas uma força o privou  
Então naquele vexame  
Do seu sono despertou.

Já foi ouvindo o berreiro  
Das irmãs lá no salão  
Ele ali meteu os pés  
Prá saber qual a razão  
Foi encontrando a mãe morta  
Já dentro de um caixão.

Uma irmãzinha de João  
Chorava igual peregrina  
Com um bilhete que a mãe  
Deixara carpindo a sina:  
— Glória a Deus paz ao esposo,  
Sofia, Rosa e Enedina.

— Uma benção e abraço  
Ao meu querido João  
Que ás duas da madrugada  
E' minha consumação  
Benção a meus filhos todos  
Até à Santa Mansão.

O dia já estava claro  
João da Cruz se ajoelhou  
Na cabeça do caixão  
Muitas lágrimas derramou  
Porem como era ateu  
De modo nenhum rezou.

E começou a pensar  
O que havia sonhado  
E achou que a mulher  
Com quem havia falado  
Em sonho era sua mãe  
Que havia lhe encontrado.

E ficou muito tristonho  
Com o fato acontecido  
A mulher que viu em sonho  
Trajava o mesmo vestido  
Que sua mãe ao morrer  
Disto ficou percebido.

E no outro dia ele  
Depois que a sepultou  
Despediu-se das irmãs  
Ao pai se apresentou  
Pedi-lhe a última benção  
E no mundo viajou.

Antes disse para o pai:  
— Pode pegar minha herança  
Vender e dar de esmolas  
À mulher, velho e criança  
Que das fortunas da terra  
Não quero ter nem lembrança.

Irei para um deserto  
Minhas culpas expiar  
Vou pedir perdão à Deus  
Se ele me perdoar  
Pode ser que com a morte  
Eu possa até me salvar.

O pai lhe disse: Meu filho  
 Nosso Deus é tão bondoso  
 Que não há um pai na terra  
 Para ser tão carinhoso  
 E perdoa qualquer crime  
 Por mais que seja horroroso.

João aí foi para o monte  
 Que lá na Itália havia  
 Ali se tornou em monge  
 Se ausentou da fidalguia  
 Lugar aquele que o povo  
 De Milão não conhecia.

O Satanaz quando viu  
 João sair para o deserto  
 A fim de se converter  
 Porque não estava certo  
 Deu pulo e se mordeu todo  
 Quiz dele chegar mais perto.

Reuniu uma assembléia  
 E fez uma explanação  
 Para saber qual dos membros  
 Estaria em condição  
 De ir até ao deserto  
 A fim de iludir a João.

Um dos membros infernais  
 Disse: — Eu garanto laçá-lo  
 E trazê-lo para aqui  
 Posso muito bem tentá-lo  
 Sem ele desconfiar  
 Que tenho estudo e regalo.

Já fazia mais de ano  
 Que ali João da Cruz orava  
 Na montanha que ficou  
 Prá ver se Deus perdoava  
 Seus pecados e por isto  
 Todos os dias chorava.

Na oração João dizia:  
 — Deus meu Senhor e amigo  
 Perdoai este infeliz  
 Que tem a alma em perigo  
 E livrai-me do Demônio  
 Meu verdadeiro inimigo.

Uma noite João da Cruz  
 Foi vendo um anjo chegar  
 E dizer: João te consola  
 Que Deus quer te perdoar  
 Já ouviu a tua súplica  
 E mandou-me te avisar.

— Satanaz vem por aí  
 Porém tu tomas cuidado  
 Guardas este ramo verde  
 Em um lugar reservado  
 Que ele só murcha as flores  
 Si caíres em pecado.

— Este ramo que te deixo  
 Terá que permanecer  
 Verde com todo fulgor  
 Sem nada lhe acontecer  
 Se tu fores iludido  
 Farás ele emurhecer.

— Ele fica com três flores  
 E se cair a primeira  
 Tomes cuidado na outra  
 Que se perder-se a terceira  
 Ficarás excomungado  
 Pela força verdadeira.

O Satanaz transformou-se  
 Em uma pobre velhinha  
 Doente toda chagada  
 Maltrapilha e bem magrinha  
 Feridas de muitos tipos  
 A pobre velha continha.

Chegou onde João estava  
 Pediu para se sentar  
 Um pouco pertinho dele  
 Ele vendo o seu penar  
 Disse: Sente-se velhinha  
 O que faz neste lugar?

A velha disse: Meu filho  
 Eu vivo aqui nestes prados  
 Orando e pedindo a Deus  
 Prá perdoar meus pecados  
 E ver se ele me aceita  
 Entre os bem-aventurados.

— Porem caí num pecado  
 Que não posso ter perdão  
 Deus não ouve os rogos meus  
 Não sei qual é a razão  
 João aí lhe perguntou:  
 — Quem deu-lhe esta explicação?

— Foi um anjo, disse a velha,  
 Por sonho em umas catervas  
 João disse: E para que tu  
 Em oração te conservas  
 Disse a velha: E' adorando  
 Luzbel o principe das trevas.

Nisto João da Cruz lhe disse:  
 — Eu já vi ele por sonho  
 E' o dono do inferno  
 Um lugar triste e medonho  
 A velha disse: E' engano  
 Lá é alegre e risonho.

— Luzbel o principe das trevas  
 Já foi um anjo divino  
 O secretário de Deus  
 E foi um Deus interino  
 Não pode ser desgraçado  
 E nem tão pouco ferino.

— Quando Deus baixou à terra  
 Aonde o homem era o dono  
 Pra não deixar o céu só  
 No mais completo abandono  
 Mandou logo vir Luzbel  
 E por Deus deixou no trono.

Ai João da Cruz lembrou-se  
 Do anjo e do ramo amigo  
 E pôde ver que aquela  
 Velha era o inimigo  
 Que vinha ali disfarçado  
 Prá lhe jogar no perigo.

Foi olhar o seu raminho  
 Encontrou-o emurchecido  
 E uma das suas flores  
 Do galho havia caído  
 Voltou encontrou a velha  
 Chorando e dando gemido.

Ele olhou o céu e disse:  
 — Valei-me ó Mãe concebida  
 Senhora dos pecadores  
 Ajudai-me ó Mãe querida  
 Pelas dores que passastes  
 Entre o turbilhão da vida.

— Por aquela santa hora  
 Que fostes anunciada  
 Pela corôa de espinhos  
 Pela Cruz e a espada  
 Que por Vosso Filho santo  
 Certa vez fostes cravada.

— Mãe Sagrada Santa e pura  
 Olhai o meu sofrimento  
 Vós que tambem já passastes  
 Pelo mais triste tormento  
 Por amor de Vosso Filho  
 Atendei ao meu lamento.

— Vós sois a gloria dos séculos  
 Senhora do impecilho  
 Sabeis guiar o errado  
 E ensinar-lhe o bom trilho  
 Sêde tambem minha Mãe  
 Adotai-me como filho.

Naquilo chegou um anjo  
 Falando em boas maneiras  
 A velha ali levantou-se  
 E disse em frases grosseiras:  
 — Já dei fé que lá no céu  
 Só tem almas estradeiras.

Disse o anjo à João da Cruz:  
 — A mim debes escutar  
 Sou o teu anjo de guarda  
 Por ti eu vivo a velar  
 Fazendo todos os meios  
 Para poder te salvar.

A velha ao ouvir aquilo  
 Dali desapareceu  
 E ao chegar no inferno  
 Disse o que aconteceu  
 Falou um Cão: Tú és bôbo,  
 Agora quem vai sou eu.

Transformou-se em uma moça  
Alva, bem feita, corada  
Pernas grossas, belo busto  
Cintura bela e delgada  
Quadris largos e bem feitos  
A voz muito moderada.

Olhos azuis cor do céu  
Cabelo preto ondulado  
As pontas varrendo o chão  
Andar muito delicado  
Um sorriso encantador  
Um verdadeiro pecado.

Aí o príncipe das trevas  
Chamou a jovem atenção  
Dizendo: Vá ao deserto  
Procure iludir a João  
Porem só frequente ele  
À tarde, um dia outro não.

— Príncipe nada disto vale  
Disse o que veio, zangado  
— Um anjo lhe deu um ramo  
Que faz ele avisado  
Da presença de um de nós  
E não vai dar resultado.

— Não tem ramo, não tem nada  
Disse ele com furor  
— Se João achá-la bonita  
Não tem ramo e nem tem flôr  
Mulher ilude até nós  
Com carinho e com amor.

O que transformou-se em moça  
Trajava um fino roupão  
De crepe enfeitado à pérola  
Todo bordadinho à mão  
Com as figuras das aves  
Que existem na criação.

Um grande colar de ouro  
Sobre o seu peito pendia  
E era tudo moderno  
Tudo que nela se via  
Quem a visse no momento  
Por certo lhe adoraria.

De momento se encantou  
Deixou o portão aberto  
Foi apresentar-se à João  
Nas encostas do deserto  
Mas ficou meio distante  
Prá depois chegar mais perto.

Quando o sol já se escondia  
Através da cordilheira  
Ela saiu a cantar  
Uma música alviçareira  
Prá o lado que João estava  
Com a feição prasenteira.

Logo então de João da Cruz  
Tomou aproximação  
Como que fosse vizinha  
Lhe saudou com atenção  
João da Cruz observou-a  
E também fez saudação.

E lhe perguntou: Donzela  
Anda perdida ou sózinha?  
— Não senhor, respondeu ela  
Venho de uma igreja  
Que existe ali no bosque  
E volto à minha casinha.

João inquiriu: Tem igreja  
Neste mato? Disse ela  
Apontando para um monte  
Ali tem uma capela  
E quando saio à floresta  
Sou obrigada a ir nela.

— De volta saio brincando  
Cantando e me distraíndo  
Ouvindo o trinar dos pássaros  
A flor fechando e abrindo  
E a divina luz do sol  
Dos campos se despedindo.

— Contemplo o arco celeste  
Com suas bonitas cores  
Gosto de ouvir os pássaros  
Os colibris e os candores  
E admiro os rebanhos  
Guiados pelos pastores.

// — Enquanto somos mocinhos  
 Na plenitude e vigor  
 Devemos ter distração  
 Música, harmonia e amor  
 — Nem só de pão vive o homem  
 Assim disse o Salvador. //

— Não é com isto que o homem  
 Possa adotar a maldade  
 Deve dar esmolas aos velhos  
 Respeitar a virgindade  
 Mas de acordo com a Biblia  
 O homem tem liberdade.

— As obrigações primeiro  
 Depois vem as devoções  
 Temos que ir à igreja  
 Fazermos as orações  
 Depois à cinema ou baile  
 E as outras diversões.

— E até logo senhor  
 Que o dia perde as cores  
 O sol já vai se escondendo  
 Com os raios multicores  
 Já vejo o manto da noite  
 São horas dos meus pastores.

— Mora perto senhorita?  
 Lhe perguntou João da Cruz  
 — Moro atrás daquele monte  
 Lá no Palácio da Luz  
 E estou às suas ordens  
 Conforme a lei de Jesus.

— Chegue até nossa casinha  
 Que lá só se vê beleza  
 Nosso palacete é belo  
 E não existe a tristeza  
 Pode se observar bem  
 As obras da natureza.

Apertou a mão de João  
 E no bosque foi entrando  
 Esbelta como a aurora  
 Bonita canção cantando  
 João da Cruz ficou de pé  
 A bela voz escutando.

Pensou João da Cruz consigo:  
 — Quem será aquela estranha  
 Bela, esbelta e maviosa  
 Aqui por esta montanha  
 Sózinha sem companhia  
 Com esta audácia tamanha?

A canção que ela cantava  
 Alegrava até crianças  
 Dizia: A vida é um riso  
 Com milhões de esperanças  
 E' a nave que nos leva  
 Ao mar de ternas lembranças.

— A vida é o arvoredor  
 O seu fruto é o prazer  
 E Deus nos deu este fruto  
 Com o seu santo poder  
 Este saboroso fruto  
 E' que devemos colher.

— Devemos gozar sem tréguas  
 Os dias da mocidade  
 Ingerindo o bom aroma  
 De nossa primeira idade  
 Se é esta a lei Divina  
 Se faça a vossa vontade.

— A noite nos traz martírios  
 Dos gestos crueis da vida  
 O dia traz os delírios  
 Da laboriosa lida  
 E' esta a palavra santa  
 De nossa Mãe concebida.

— Então devemos brincar  
 E passear nas florestas  
 Cantar e ir aos teatros  
 E não dispensar as festas  
 São as palavras de Cristo  
 Não há razões como estas.

Quando João da Cruz ouviu  
 Aquela declamação  
 Numa voz melodiosa  
 Nas linhas de uma canção  
 Imaginava consigo  
 Que aquela não era o Cão.

E ela entrou na floresta  
Cantando a bela canção  
João da Cruz ficou perplexo  
Com tão bonita visão  
Fidalga como uma santa  
Do reino da criação.

Aí saiu João da Cruz  
Continuou a orar  
E no outro dia à tarde  
Foi ouvindo ela cantar  
Levantou-se e avistou-a  
Pelo campo a passear.

Dele foi se aproximando  
Cantando alegrando o vento  
Deu boa tarde à João  
Ele no mesmo momento  
Deu boa tarde e lhe deu  
Uma pedra para assento.

Ela disse: Cidadão  
Lhe fico muito obrigada  
Mas hoje passiei pouco  
Ainda não estou cansada  
E mesmo, vou a uma festa  
Prá qual estou convidada.

— Eu venho de uma aldeia  
De doentes despresados  
Fui socorrê-los com roupas  
E levei alguns bocados  
Dei comidas para eles  
Porque estão fragelados.

João perguntou: Senhorita  
Gosta bem da caridade?  
— Gosto muito disse ela  
Porque a humanidade  
Só terá a salvação  
Remindo a necessidade.

Disse João: A senhorita  
O que diz da salvação?  
Disse ela: Jesus Cristo  
Morreu pela rendenção  
Não precisa sacrifícios  
Prá se ganhar a mansão.

— O céu é um edifício  
Que para o homem foi feito  
Pelo poder divinal  
O Arquiteto perfeito  
E' nossa propriedade  
Afirmou Deus desse jeito.

— Se eu fizer penitência  
Purgando os pecados meus  
Dando mau trato ao meu corpo  
Serei pior que os ateus  
Temer de perder a alma  
E' não confiar em Deus.

João da Cruz experiente  
Lhe perguntou com amor:  
— Senhorita existe inferno?  
Disse ela: Sim senhor  
E' lugar de sofrimento  
Angústia tormento e dôr.

— Prá que Deus fez o inferno?  
João da Cruz lhe perguntou  
Disse ela: Para um anjo  
Que um dia se rebelou  
Contra os desígnios do Mestre  
E Ele então lhe expulsou.

João da Cruz pensou consigo:  
Essa de fato é certa  
Sabe a lei conhece bem  
E não conversa besteira  
Não é como aquela velha  
Acabada de gafeira.

A moça disse: Apareça  
Lá em nossa habitação  
Continue na penitência  
Mas não deixe a distração  
Deus só exige de nós  
Boa vida e boa ação.

Ao sair disse a ele:  
— Vá até a nossa casa  
Fica através desse monte  
Que lá ninguém lhe atraza  
Me encontrará toda hora  
E lá não existe braza.

Depois que a jovem saiu  
 João da Cruz ficou pensando  
 Em seguir os seus conselhos  
 E foi logo se aprontando  
 Pra visitar ela sem  
 Do ramo estar se lembrando.

Os diabos se reuniram  
 E fizeram um gabinete  
 Dentro de quatorze horas  
 Armaram um bom palacete  
 Arquitetura perfeita  
 Caramanchão e ginete.

João da Cruz voltou ao rancho  
 Pensando na moça bela  
 Lhe chegou logo a paixão  
 E ficou louco por ela  
 E disse: Irei conhecer  
 O pai daquela donzela.

De nove para dez horas  
 Da manhã do outro dia  
 João da Cruz foi conhecer  
 Da donzela a moradia  
 Adiante pôde avistar  
 Suntuosa alvenaria.

Era um castelo imponente  
 Aparelhado à brilhante  
 Circulado de fruteiras  
 Com um jardim importante  
 Das obras materiais  
 Essa era a mais elegante.

Zoraide a tal donzela  
 Que à João da Cruz perseguia  
 Estava tão bem vestida  
 Em panos de tal valia  
 Que admirava quem visse  
 A sua aristocracia.

João vendo aquele pedaço  
 Ficou todo embelezado  
 Não recordou mais o ramo  
 Que o anjo havia lhe dado  
 E o Diabo com aquilo  
 Pensou em ter resultado.

João entrando no castelo  
 Seu corpo se agitou  
 Uma voz dentro de si  
 Disse: O Diabo te enganou  
 João ficou sobressaltado  
 Porém nada demonstrou.

Nisto viu um individuo  
 Em um canto recostado  
 Conheceu que era um  
 Dos que ele havia sonhado  
 No tempo que era ateu  
 Ficou mais sobressaltado.

Fingiu estar satisfeito  
 Para fazer um arranjo  
 Enjeitou comida e frutas  
 Sem demonstrar desarranjo  
 Ao recordar-se do ramo  
 E do seu querido anjo.

E Zoraide o convidou  
 Para a mesa do jantar  
 Porém João agradeceu  
 E disse: Eu quero voltar  
 Pois o sol já declinou  
 Você vai me desculpar.

Quando João da Cruz saiu  
 Tudo ali entristeceu  
 E Zoraide deu um grito  
 Que a terra estremeceu  
 Um Cão perguntava ao outro:  
 — O que foi que aconteceu?

João da Cruz de volta viu  
 O seu ramo emurchecido  
 Só restava-lhe uma flôr  
 A outra havia caído  
 E até o pau do ramo  
 Já estava ressequido.

João da Cruz se ajoelhou  
 Com a maior humildade  
 Pediu perdão do engano  
 À Suprema Divindade  
 Pois sabia que estava  
 Em grande dificuldade.

O anjo lhe apareceu  
 E disse: Pense em Jesus  
 O Satanaz é astuto  
 De qualquer modo seduz  
 Se transformou em qualquer coisa  
 E abraça até a cruz.

O Diabo estava ouvindo  
 Ficou para não viver  
 Deu esturros que a terra  
 Começou a estremecer  
 Disse: Lutar tantos anos  
 E numa hora perder.

João da Cruz ficou orando  
 O anjo lhe protegeu  
 Vinte e dois anos depois  
 No deserto pereceu  
 Porem de Nossa Senhora  
 Na vida nunca esqueceu.

Antes disso às sete horas  
 Num domingo estava orando  
 Morreu ali de repente  
 O Diabo foi chegando  
 Como o anjo estava perto  
 Ele ficou só olhando.

A alma de João da Cruz  
 Foi prestar contas ao Eterno  
 O Diabo que já ia  
 Das profundas do inferno  
 Acompanhou João da Cruz  
 Conduzindo seu caderno.

Jesus vendo Satanaz  
 Tratou de interrogá-lo  
 Disse ele: Eu vim aqui  
 Com João e vou levá-lo  
 Ele morreu me pertence  
 Eu agora vim buscá-lo.

Disse Jesus: Vai-te embora  
 Obedeces ao Senhor!  
 O Cão disse: Então me entregue  
 Esta alma sem valor  
 Saiba que este homem é meu  
 Por ser grande pecador.

Disse Jesus: Para que  
 Foste a ele perseguir?  
 O Demônio disse: E o anjo  
 Não ia lhe prevenir?  
 Que tomasse bem cuidado  
 Que eu ia o seduzir.

— O anjo lhe deu um ramo  
 Com uma flôr de mister  
 Lhe disse que não dormisse  
 Um só momento sequer  
 Ele deixou-se levar  
 Por carinhos de mulher.

O Salvador não querendo  
 Discussão com Satanaz  
 Entregou a São Miguel  
 Dizendo: Veja o que faz  
 A razão está com João  
 Faça justiça capaz.

Miguel disse à Satanaz:  
 — Capiroto vá prá o norte  
 Disse o Satanaz: Qual nada  
 Vou esperar pela sorte  
 Porque sei que João é meu  
 Foi na vida e é na morte.

— E Deus é justo e correto  
 Não ataca de surpresa  
 E João hoje vai comigo  
 Disto eu já tenho a certeza  
 Pois eu lhe garanto que  
 Prá ele não há defeza.

São Miguel disse: Luzbel  
 Você hoje se enganou  
 João da Cruz foi um ateu  
 Mas depois se humilhou  
 E devido a penitência  
 Jesus Cristo o perdoou.

— Satanaz disse: Miguel  
 Acho melhor se calar  
 Porque da vida de João  
 Tenho muito que explicar  
 E o direito que me cabe  
 Nem Jesus pode negar.

— João da Cruz era um ateu  
 Não pode ter o perdão  
 Se Deus é Juiz Supremo  
 E é Senhor da razão  
 Não pode de modo algum  
 Tomar-me a alma de João.

— Nunca obedeceu ao pai  
 Só gostava dos ateus  
 E fazia sua mãe  
 Derramar os prantos seus  
 Não acreditava em santos  
 Blasfemava contra Deus.

— Mas, lhe disse São Miguel,  
 Discutir já não convem  
 Porque João se arrependeu  
 O Satanaz disse: Quem?  
 Arrependimento tarde  
 Nunca valeu a ninguém.

— Sendo assim eu vou dizer  
 Junto a Deus ajoelhado  
 Que estou arrependido  
 Do que tenho praticado  
 Digo que sou inocente  
 Serei também perdoado.

A alma de João da Cruz  
 Vendo aquela discussão  
 Com medo que o Salvador  
 Lhe negasse a salvação  
 Caiu nos pés de Maria  
 Implorando-lhe perdão.

E disse pra Santa Mãe:  
 — Defendei-me ó Mãe Fiel  
 Das garras de Satanaz  
 O monstro injusto e cruel  
 Pois eu estou vendo a hora  
 Dele vencer São Miguel.

— Defendei-me do inferno  
 Por Vosso Filho Jesus  
 Pelo prazer que tivestes  
 Dando ele à santa luz  
 E pela dôr que sentistes  
 Quando Cristo foi à cruz.

— Pelas dores que passastes  
 Vendo Cristo amargurado  
 Pelas lanças dos Judeus  
 E cair ensanguentado  
 Pela Rua da Amargura  
 E depois ser arrastado.

— Sei que fui um pecador  
 Pior do que os ateus  
 Mas peço prá perdoar-me  
 Pelos Santos olhos seus  
 E pelos Santos poderes  
 Que recebestes de Deus

— Pelas horas de agonia  
 Que Vosso Filho passou  
 De Jerusalem ao Gólgota  
 Eu em vossos pés estou  
 Pedindo Vosso perdão  
 Vós bem sabeis o que sou.

Disse o Cão: Agora é tarde  
 Esta tua rogativa  
 Alma porque não pensaste  
 No tempo em que eras viva?  
 Agora és minha por lei  
 E São Miguel não me priva.

Miguel disse: Te enganaste  
 — Como, disse Lucifer  
 — Porque? lhe disse o Arcanjo  
 Só se a Virgem quizer  
 O Diabo disse: Este caso  
 Não tem nada com mulher.

— Deus é Senhor da Virtude  
 Do presente e do passado  
 Tem certeza do futuro  
 E nunca foi enganado  
 Para as suas decisões  
 Não precisa advogado.

— Miguel você me parece  
 Que agora deu prá ladrão?  
 Quer chamar até mulher  
 Prá me tirar a razão!  
 Porém você se engana  
 E vai perder a questão.

Entrou a Virgem Maria  
Com São Gabriel de lado  
E disse para o Demônio:  
— Você está enganado  
Meu filho deu o seu sangue  
Pra remissão do pecado.

— Muito bem, disse o Demônio  
A razão está ao meu lado  
Está escrito em Mateus  
No Evangelho Sagrado  
Quem crê em mim será salvo  
Quem não crê é condenado.

— João da Cruz lia e escrevia  
Pois eu tenho os livros seus  
Tinha toda a experiência  
Dos ricos e os plebeus  
Já não podia descrever  
Na existência de Deus.

A Virgem disse ao Demônio:  
— Dele eu sou advogada  
Você pode retirar-se  
A causa esta terminada  
E a alma de João da Cruz  
Terá que ser perdoada.

Vamos ver, disse o Diabo  
Quem é que ganha a questão  
Seu Filho que é o Juiz  
Tem toda a autorização  
Neste livro estão as culpas  
Todas da vida de João.

São Miguel disse ao Demônio:  
— Porem Jesus perdoou  
Respondeu-lhe Satanaz:  
— Então ele se enganou  
Jesus disse: Miseravel  
Retira-te de onde estou.

Satanaz lhe disse: Então  
Para ficar deslindado  
Vamos pesar na balança  
A alma com o pecado  
Se o pecado pesar menos  
Eu ficarei deserdado.

— Ponha a alma na balança  
O Salvador ordenou  
A alma foi prá balança  
A concha d'alma abaixou  
São Miguel disse ao Demônio:  
— Então se desenganou.

Mas o Cão quiz se zangar  
A Virgem a ele expulsou  
Nessa hora João da Cruz  
O Reino do Céu herdou  
E depois viu sua mãe  
Lá no céu se contentou.

Passados diversos anos  
Ele as irmãs encontrou  
Roberto seu pai também  
Entrou no céu e ficou  
Isto foi caso passado  
Reconhecido e provado  
Assim vóvó me contou.

★

## ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

**FESTA DA BICHARADA** — História em versos sobre animais. Humorismo e emoção.

**LAMPEÃO, O REI DO CANGAÇO** — História do mais famoso bandido de todos os tempos. O famoso Lampeão, seus amores e sua vida. Em versos.

**VICENTE O REI DOS LADRÕES** — Um astucioso ladrão que acaba casando com a filha do rei. História em versos populares.

**O PAVÃO VITORIOSO** — História do riquíssimo filho do rei do café, que percorre o mundo e conhece a linda Marina, filha do rei do trigo. Inventa um aparelho em forma de pavão, capaz de voar, com o qual rouba sua amada no dia do casamento com seu rival. Em versos.

**HISTÓRIA DO CONDE PIERRE E A PRINCESA MAGALONA** — Uma suave história de amor, na qual dois apaixonados vêm-se envolvidos pelas malhas da fatalidade. Em versos.

**SACRIFÍCIO DO AMOR, ou O NOIVO RESSUSCITADO** — História comovente de um amor. Ele fez uma promessa que não pôde ser cumprida. Mas ela esperou pacientemente. E um dia teve a recompensa de seus longos dias de sofrimento e espera. Em versos.

**O PRÍNCIPE ENTERRADO VIVO E A RAINHA JUSTICEIRA** — A história de um jovem, que num país estranho, vive a mais assombrosa aventura. Nesse país, quando o marido ou a esposa morria, o que ficasse vivo seria sepultado junto, e alimentado por três dias. O príncipe Orlando, perdeu a esposa, foi sepultado vivo junto com ela e conseguiu sobreviver. Como Leia os lances desta história para saber. Em versos.

**JOSAFÁ E MARIETA** — A história de um jovem, que preso como escravo, apaixonou-se pela filha de um poderoso fazendeiro. Esta tudo faz para salvar o homem que ama. Num ambiente tenso de emoção, desenrola-se esta comovente história de amor. Em versos.

**ABC DA MACUMBA e PROEZAS DE UM PAI DE SANTO** — Interessante ABC em versos, contando de forma engraçada, os vários aspectos da macumba no Brasil.

---

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a EDITORA PRELÚDIO LTDA.  
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

7097



# COMO VENCER no AMOR

EDIÇÃO PARA MULHER

LIVRO UTILÍSSIMO ÀS JOVENS. VENÇA SUAS  
DUVIDAS E PROBLEMAS ÍNTIMOS COM A  
ORIENTAÇÃO DÊSTE PRECIOSO VOLUME



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA  
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO

SNB